Editorial

Neste número continuamos falando da família e do inconsciente e nossa revista está bastante internacional, com autores de vários países, mas que mantém uma só vertente teórica-clínica: a de não se furtarem ao ato e de tomarem o desejo do analista como um "ponto absoluto que não têm de ser adiado para amanha". Assim Lacan se refere no "Discurso na Escola Freudiana de Paris".

Referimo-nos ao ato e ao desejo do analista por dois motivos. O primeiro, para lembrar que estamos às vésperas do V Encontro Internacional do Campo Lacaniano, em julho próximo, na cidade de São Paulo, cuja temática é o tempo. E o segundo, para apresentar o primeiro artigo desta revista: Joan Salinas-Rosés trabalha esse "ponto absoluto" que é o desejo do analista para diferenciar as psicoterapias e a psicanálise. Toma de *O Seminário, livro 11*, a afirmação lacaniana de que a transferência é o fechamento do inconsciente, para mostrar como o amor "é um bom terreno para possíveis enganos" e o desejo do analista o que permite ao analisante circunscrever sua relação com a pulsão.

As transformações sociais têm seus efeitos na organização da família – monoparentais, homoparentais, filhos de diversas uniões, a reprodução assistida etc – mas será que isso significa o fim da família como muitos autores, inclusive psicanalistas, têm vaticinado? O artigo de Zilda Machado, retomando os principais escritos de Freud e Lacan sobre a família, responde que não: a família está bem viva.

O direito pode acompanhar as mudanças sociais e com isso ser influenciado para normatizar a família. O artigo de Lenita Pacheco Duarte sobre a guarda dos filhos nos litígios vem a calhar exatamente neste momento em que a lei da guarda compartilhada, chegou atrasadamente a nosso país.

A nomeação é o tema de vários artigos. Para começar, o de Gabriel Lombardi reafirma a importância da clínica estrutural contra o estabelecimento de *borderlines* psicanalíticos. Com isso, ele trabalha o nome próprio e o patronímico na obra de Lacan relacionando-os com os tipos clínicos. Em contraposição ao anonimato do neurótico, a construção de uma obra com o nome próprio.

A nomeação que faz laço social é o tema do artigo de Colette Soler. A autora nos mostra essa função como disjunta da família e do sexo: não é a família que nomeia e sim a nomeação que "mantêm juntos, e sem passar necessariamente pelo estado civil, o anel no dedo, a coabitação...".

Vera Pollo e Bárbara Guatimosim apelam, respectivamente, à literatura e à filosofia para trabalhar a função do pai e a nomeação. Pollo, a partir de sua análise da obra, e de alguns fatos da vida do escritor japonês Yukio Mishima, apresenta-nos a relação dele com o "crime e castigo". Relaciona as vozes de família com o *seppuku* cometido por ele em nome da tradição e do imperador. A passagem teórica de Lacan do Nome-do-Pai ao pai de "o Nome do Nome do Nome" (Lacan, 1974)é trabalhada por Bárbara Guatimosim.

Em Amor e sintoma, Bernard Nominé compara o laço do amor com o nó do sintoma e pergunta-se qual o efeito sobre o imaginário ao final de uma análise. Os significantes copulam na desordem da família, sustenta o autor. E nos mostra isso na clínica.

Na seção de resenhas, Didier Castanet apresenta-nos *O seminário, livro 23: o sinthoma*, de Lacan. Usamos o verbo apresenta e não resenha, pois seu texto é bem mais: nele, apresenta-nos o seminário 23, o contexto em que Lacan o deu e explica aos leitores de Stylus as aulas de Lacan sobre a nomeação. Desse modo, podemos afirmar que sua resenha é mais um artigo sobre a nomeação. Vera Pollo resenha a coletânea de artigos de Slavoj Zizek, lançada em Lisboa. E eu mesma, o livro de Colette Soler, *O inconsciente a céu aberto na psicose*.

Por ocasião do Encontro Nacional dos Colégios Clínicos da Espanha e da AePCL, entrevistei Manel Rebollo. Nessa entrevista ele conta aos leitores brasileiros um pouco da história da psicanálise na Espanha e da situação atual do Campo Lacaniano no país. Também expõe a situação atual dos serviços de Saúde Pública e a expansão da terapia cognitiva na Espanha. O panorama sobre as psicoterapias apresentado por ele não é diferente do que vivemos aqui no Brasil. Nesse sentido, é muito importante a entrevista porque nos mostra que essa expansão – tão preocupante para os psicanalistas de todos os lugares – evidencia um capitalismo globalizado que quer tudo rápido, que tem avidez de tratamentos rápidos, mesmo à custa de não se solucionar nada e

tudo continuar do jeito que está. Desse modo, a psicanálise acaba ficando excluída dos ambulatórios de saúde estatal – pelo menos é assim na Espanha, não sei precisar exatamente como estamos no Brasil. E em decorrência disso temos de nos perguntar qual o papel da psicanálise em nosso tempo. O que podemos ou devemos fazer frente a isso? E como? Terminamos com a pergunta, apostando que poderemos discutir a psicanálise e o tempo no encontro próximo, em São Paulo.

Andréa Brunetto